

Históricos só saem

18 JAN 1988 se 4 anos passarem

REJANE DE OLIVEIRA
Da Editoria de Política

No último dia 9, a ala histórica do PMDB reuniu-se ruidosamente em Brasília para dar uma satisfação à opinião pública. Através de críticas contundentes contra o governo, os programáticos procuraram deixar claro (no eleitorado, obviamente) que não comungam com o comportamento fisiológico de boa parte do partido. Jogando para a platéia, aprovou-se também um documento pregando a realização de eleições presidenciais diretas este ano, requisito sem o qual um número considerável de peemedebistas ameaçava até mesmo deixar a legenda. Paradoxalmente, porém, é justamente a aprovação do mandato de cinco anos para o presidente Sarney que pode impedir a deserção dos históricos.

Parece complicado, mas não é. O raciocínio é até bastante simples e já foi discutido em mais de uma reunião do grupo. Numa delas, realizada dia 7 no apartamento do senador Mário Covas, os principais líderes do movimento concluíram que não há meios de se estruturar rapidamente um novo partido se não for na esteira de uma candidatura expressiva à Presidência da República. Dai por que, a menos que haja eleição este ano, e salvo algumas exceções pressionadas por problemas locais, os históricos permanecem no PMDB por falta de alternativa politicamente válida. Enquanto isso, aproveitam para ir marcando posições morais para efeito de opinião pública.

DIRETÓRIO

A espera de que a Constituinte acabe e surja finalmente uma definição para a questão do mandato, os peemedebistas programáticos tratam de se manter no núcleo antecipando pequenas demonstrações de força. A primeira delas, articulada pelo deputado Euclides Scalco, é a coleta de assinaturas entre os membros do Diretório Nacional para garantir a sua autoconvocação. Não que o grupo pretenda afrontar o deputado Ulysses Guimarães, tanto que o senador Fernando Henrique Cardoso — que conhece a impor-

além disso, ele ainda não terá nas mãos o principal trunfo com que pensa credenciar-se junto ao partido para a sucessão presidencial, que é exatamente a nova Constituição brasileira.

Pressionado pelo tempo, o presidente peemedebista concentra-se agora na tarefa de aguilhar ao máximo os trabalhos da Constituinte, de cujo desfecho depende em grau considerável o seu destino político. A dúvida, é se conseguirá atropelar o que um de seus amigos chamou de "esquerda entrincheirada", referindo-se às manobras obstrucionistas patrocinadas pelo PT, PDT e CIA. Se obtiver êxito e a Constituição sair até março, a reunião do Diretório, pregada pelos históricos, pode ter rumos totalmente diferentes do que se prevê agora.

Há duas hipóteses. Na primeira, a Constituinte lerá aprovado o mandato de quatro anos para o presidente Sarney e os diretórios se reunirão para discutir concretamente a sucessão presidencial. Neste caso, candidadíssimo, o multipresidente dificilmente negará apoio à aprovação de um manifesto que, se não for conclusivo (pois os governadores continuarão precisando das verbas da União), pelo menos lançará as bases para um futuro rompimento com o Governo Federal. Desta forma, afaga-se a opinião pública sem a necessidade de entregar os cargos que o partido detém na administração pública. Isto ficaria para uma segunda etapa, o mais próximo possível da eleição, quando o candidato peemedebista precisar se desvincular claramente de Sarney para sobreviver eleitoralmente.

Se agir desta forma, é provável que Ulysses consiga segurar boa parte da facção autêntica (a de maior apelo junto ao eleitorado) no PMDB. Não evitará, contudo, que uma fatia do grupo parta para a criação de uma nova legenda, a consolidar-se no rastro de uma candidatura de peso à Presidência. Poderia ser Mário Covas. Fermando Henrique Cardoso ou José Richa, embora estas figuras mais expressivas, que viveram suas carreiras políticas atreladas à própria trajetória peemedebista, ainda relutem à ideia de iniciar nova aventura partidária. O grande ardentista

tância do multipresidente no tabuleiro peemedebista — teve a iniciativa de procurá-lo para sugerir que se adiante ao documento, fazendo pessoalmente a convocação do órgão partidário. Da movimentação de Scalco, contudo, fica a repercussão junto às bases.

A segunda demonstração de força ocorrerá durante a reunião do Diretório, por ocasião do preenchimento dos dois cargos atualmente vagos. Com o apoio do deputado Ulysses Guimarães, que certamente não negará mais esta pequena vitória moral capaz de reter os ímpetus dos programáticos, o senador José Richa deverá ser eleito para a vice-presidência desocupada pelo senador Afonso Camargo, que recentemente deixou o PMDB para tentar lançar-se candidato a presidente pelo PTB. Para o posto de vogal, também abandonado pelo ex-governador Cid Sampaio, deve ser eleito um dos pernambucanos que integram a ala autêntica, alguém como o deputado Egídio Ferreira Lima ou o senador Mansueto de Lavor.

EXPECTATIVA

A grande expectativa dos líderes do movimento, neste momento, consiste exatamente na atitude a ser tomada pelo presidente do PMDB, que controla boa parte do Diretório. Isto porque os históricos prefeririam, em lugar de conquistas de efeito meramente moral, ver o partido adotando decisões efetivas a respeito dos dois temas mais polêmicos do manifesto aprovado no último dia 9: eleições diretas este ano e rompimento formal com o governo Sarney. É a decisão dos diretórios em torno desses dois pontos que separará as águas dentro do PMDB. É mais uma vez, como em tantas outras no passado, para onde Ulysses for o partido também tenderá.

A levar-se em conta a análise feita por uma liderança expressiva da ala autêntica, o mais provável é que o multipresidente proteja o quanto puder a convocação do Diretório, que dificilmente deve sair antes de março (o documento de Scalco pede 3 de fevereiro). Afinal, não interessaria ao deputado paulista qualquer decisão partidária mais grave antes do final da Constituinte. Por dois motivos: em primeiro lugar, até lá não se conhecerá o tamanho do mandato de Sarney, cuja duração tem implicações profundas na viabilidade da candidatura do próprio Ulysses;

to capaz de convencê-los seria uma eventual candidatura do governador Orestes Quêrcia. A de Ulysses é considerada palatável.

A segunda hipótese é a aprovação do mandato de cinco anos, com eleições em 89. Aí o deputado Ulysses Guimarães não é candidato, mas em compensação não terá problemas internos no partido por, pelo menos, mais um ano. Os históricos continuarão na legenda e a nota que definirá as relações partido/governo perde muito de sua agressividade. Não se fala mais em rompimento, apenas recomenda-se políticas compatíveis com o programa peemedebista.

ESTRUTURA

Na verdade, existem entre os autênticos algumas poucas exceções que fogem à regra do raciocínio pragmático adotado pelas lideranças do movimento. São os chamados "principistas", quase todos abelgados no MUP e fortemente influenciados pelas bases. Estes acreditam sinceramente que uma nova legenda, de tendência socialista e capaz de reviver o charme do antigo PMDB, encontrará respaldo autônomo junto à opinião pública. Há até quem sonhe em eleger o futuro presidente da República.

Para uma das estrelas do grupo, contudo, a relutância em partir para uma nova agremiação é baseada em dificuldades muito maiores. Na visão deste parlamentar, embora desgastado pelo apoio ao governo, o PMDB ainda é o partido mais viável do País, com uma estrutura invejável e diretórios em todos os municípios. Adversário de Orestes Quêrcia, esta fonte foi obrigada a reconhecer que dificilmente o partido perde as eleições, ainda que o candidato seja o governador de São Paulo.

Ao contrário do otimismo ardoroso do pessoal do MUP, o mesmo líder histórico analisa de forma cética as chances de um eventual candidato da nova legenda, caso os integrantes do movimento efetivamente venham a deixar o PMDB. "Tem que ser alguém disposto a ser derrotado para consolidar o partido".

A coincidência da eleição presidencial com a municipal, na hipótese dos quatro anos de mandato, é apontada pela fonte como mais um trunfo eleitoral para o PMDB. "Aí ninguém segura o partido. Teremos dezenas de milhares de candidatos a prefeito e vereador fazendo campanhas pelo postulante à Presidência".